

# MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

## Dúvidas e certezas

• O presidente Fernando Henrique, como de hábito, esteve cheio de certezas e de otimismo no programa "Roda Viva", respondendo a perguntas de alguns dos mais competentes jornalistas políticos e econômicos da imprensa escrita. "O Brasil é melhor do que diziam", afirmou. "As CPIs não fazem mal ao Governo", e como ele chamou Mandrake para operar o Banco Central, o país crescerá 4% no ano que vem. No espectador, ficaram as dúvidas.

A primeira que me ocorreu foi se estava mesmo vendo um programa ao vivo ou algum *replay* de entrevistas passadas. O otimismo, a autoestima, a visão rósea do futuro eram os de sempre. Foi como se nada de ruim tivesse acontecido ao longo dos quatro anos e meio em que a dívida interna foi multiplicada várias vezes, o desemprego tornou-se o mais alto da História, o rombo nas contas externas aprofundou-se, o patrimônio da Nação foi privatizado para pagar juros e, finalmente, não se pôde sustentar a lenta desvalorização do real frente ao dólar, objetivo quase exclusivo da condução do Plano Real.

Visitei, certa vez, uma escola modelo em Cuba, guiado por uma de suas alunas. Ao mostrar-me uma sala maior que as outras, a menina informou que era ali que se realizavam semanalmente as reuniões de crítica e autocritica. Perguntei o que era autocritica. Segura de si, ela respondeu:

— Autocritica é quando dizemos aos outros o que eles fizeram de errado.

Quem sabe se o nosso confiante presidente não andou fazendo estágios em Cuba sem que as suas biografias o registrassem?

"Quem não tem cão caça com gato", sentenciou Fernando Henrique. Foi a didática justificativa da nomeação do professor Francisco Lopes para a presidência do Banco Central, em substituição ao professor Gustavo Franco, principal responsável pela perda de dezenas de bilhões de dólares ao longo dos meses em que o mundo inteiro sabia ser inevitável uma desvalorização do real e, por isso, todos trataram de retirar o que podiam do Brasil. O convencimento era tão forte que muitas empresas sequer repuseram os seus estoques de mercadorias importadas e agora não estão podendo honrar a tempo contratos assinados. É o que está acontecendo, por exemplo, com os contratos entre três grandes multinacionais da área médica e um hospital de Brasília.

A certeza que ficou foi a da permanência, enquanto for factível, da atual política de juros que, embora lentamente cadentes, são tão altos que consomem a maior parte da arrecadação dos impostos. O Tesouro pagou, no ano passado, R\$ 78 bilhões em juros, o que representa perto de quatro vezes os recursos destinados ao Ministério da Saúde. Caso o Congresso não permita

que a sangria se agrave este ano haverá uma queda de braço na votação do Orçamento. O Governo terá de escolher entre um alongamento forçado da dívida interna, como aconteceu com o Plano Bonex na Argentina, ou uma ruptura dos compromissos assumidos com o FMI.

A disposição do FMI de criar um fundo de ajuda preventiva aos países excessivamente endividados ou vítimas de ataques especulativos foi saudada com uma excelente notícia pelo presidente Fernando Henrique. Relembrou ele ser esta uma antiga reivindicação de seu Governo e é exato que a apresentou aos líderes dos países ricos desde a sua primeira viagem presidencial, em 1994. Passaram-se cinco anos sem que fosse ouvido. Não se sabe quantos anos passarão antes que o fundo se torne realidade.

Comissões parlamentares de inquérito são normais numa democracia, disse o presidente, e a nossa é suficientemente sólida para não ser abalada por investigações sobre roubalheiras de funcionários do Executivo ou do Judiciário. A afirmação desmentiu oficialmente as notícias de bastidores, que davam conta dos esforços presidenciais para dificultar a constituição da CPI dos Bancos e da CPI do Judiciário. Aceita a normalidade, as iniciativas moralizadoras passam ao Senado, enquanto as medidas de reforma estrutural ficam com a Câmara.

As emoções despertadas pela recusa do professor Francisco Lopes em jurar dizer a verdade não devem durar muito. A verdade não é moeda corrente no Congresso, ainda que todos os seus membros jurem cultuá-la.

Ao longo dos próximos dias saberemos se a CPI dos Bancos pretende ou não expor os fatos mais graves ocorridos no Banco Central quando da mudança cambial. Quem foi que sacudiu a árvore das patacas em cima da Bolsa de Mercadorias e Futuros? Lá caíram quase R\$ 1,5 bilhão dos contribuintes. É pouco menos do que o Governo espera arrecadar com a contribuição dos funcionários inativos para a Previdência e não foi preciso lei ou reforma da Constituição para que acontecesse.

Na Câmara, a comissão da reforma fiscal sai de quatro anos de marasmo ainda hoje e a da reforma do Judiciário começa a ter o seu roteiro claramente esboçado pelo relator, deputado Aloysio Nunes Ferreira. Bons sinais.